ISSN: 2358-8829

“VEM, VOU LHE LEVAR NA UPA”: CRIANÇAS BEM PEQUENAS E O BRINCAR DE FAZ DE CONTA NA CRECHE

Viviane dos Reis Silva [1]
Elaine de Holanda Rosário[2]
Tacyana Karla Gomes Ramos [3]

INTRODUÇÃO

A partir das abordagens sociológicas das infâncias, atualmente as crianças são consideradas sujeitos competentes, que participam ativamente do seu processo de desenvolvimento e aprendizagem produzindo culturas. Elas expressam vontades, desejos e interpretam o mundo do seu modo. Nesse sentido, a criança é um cidadão pleno, que possui direitos e saberes e constrói significados, por meio das interações e da brincadeira (Sarmento, 2004; Corsaro, 2011; Qvortrup, 2011).

Considerando a importância de compreender a criança como produtora de cultura, esta pesquisa busca apresentar narrativas que evidenciam o protagonismo infantil e os modos pelos quais as crianças reinterpretam o mundo social, por meio das interações e das brincadeiras vivenciadas no cotidiano de uma instituição de Educação Infantil. Nesse contexto, partimos da seguinte perguntadora norteadora: como as crianças bem pequenas iniciam e partilham a experiência cultural da brincadeira de faz de conta na creche?

Nesse sentido, elegemos os seguintes objetivos: a) descrever os modos de participação social das crianças bem pequenas na experiência cultural da brincadeira na creche; b) compreender como as crianças bem pequenas criam e recriam suas culturas de pares na creche; c) narrar de que maneira as práticas de escuta dessas crianças contribuem para a compreensão de suas ações e para o reconhecimento de seu protagonismo.

Nosso referencial teórico está fundamentado nas contribuições de Sarmento (2004); Corsaro (2011); Qvortrup (2011); Rinaldi (2016); Marchi; Evangelista (2023); Borba; Lopes (2013) e Pinazza; Fochi (2018). Esses autores e autoras contribuem para as reflexões acerca dos

[1] Doutoranda em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC). Professora do Colégio de Aplicação Telma Vitória, na Universidade Federal de Alagoas (CAPTV/UFAL) - AL, viviannereys@hotmail.com;
[2] Doutora em Educação da Universidade Federal de Alagoas – AL. Professora da Rede Pública Municipal de Educação Infantil de Maceió/AL, elainerosarioholanda@yahoo.com.br;
[3] Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (PPGE/UFPE). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC) e Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS) – SE, tacyanaramos@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

modos pelos quais as crianças produzem culturas, reconhecendo-as como sujeitos competentes, capazes de se expressar de maneira singular e de criar e recriar suas culturas de pares. Nessa perspectiva, compreende-se que, por meio das interações e das brincadeiras vivenciadas no cotidiano da creche, as crianças constroem experiências e atribuem sentidos ao mundo que as cerca. Para tanto, é fundamental que a professora desenvolva em sua prática cotidiana junto as crianças um olhar atento e sensível às suas ações, necessidades, vontades, desejos e interesses infantis, reconhecendo e valorizando as múltiplas formas de expressão e participação das crianças na instituição de Educação Infantil.

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência, fundamentado nos pressupostos epistemológicos e metodológicos da documentação pedagógica (Dahlberg (2016; Ostetto, 2012; 2017; Pinazza; Fochi, 2018). Os dados foram elaborados a partir de narrativas registradas durante brincadeiras e interações do agrupamento etário denominado Maternal I B, composto por crianças de 02 e 03 anos de idade, localizado em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) em Maceió/AL. As ações cotidianas das crianças evidenciam como suas culturas de pares são produzidas nas experiências vivenciadas na creche, ressaltando a importância de uma postura docente atenta e sensível aos interesses, às necessidades e às diferentes formas de expressões infantis.

METODOLOGIA

A experiência relatada neste artigo foi elaborada a partir dos princípios epistemológicos e metodológicos da documentação pedagógica (Dahlberg (2016; Ostetto, 2012; 2017; Pinazza; Fochi, 2018). Os dados foram produzidos por meio de diversos registros narrativos, apoiando-se em observações, anotações e fotografias produzidas durante o desenvolvimento de práticas cotidianas com crianças de dois e três anos de idade em uma instituição de Educação Infantil, localizada em Maceió/AL, no ano letivo de 2022.

Nessa ótica, a pesquisa possibilitou um olhar reflexivo sobre as experiências vividas pelas crianças, por meio das interações e das brincadeiras em seu cotidiano educativo. Nosso olhar concentrou-se nas interações e brincadeiras das crianças durante sua jornada na instituição, documentadas pelos registros produzidos por sua professora.

Segundo Pinazza e Fochi (2018), a documentação pedagógica envolve definição intencional do que será registrado e analisado, a partir dos acontecimentos observados. Essa concepção pressupõe uma atuação docente pautada pela escuta sensível e atenta às experiências e expressões das crianças em seus processos de desenvolvimento e aprendizagem. Nesse

ISSN: 2358-8829

contexto, o papel do adulto é ressignificado, assumindo uma postura de mediador e apoiador das descobertas infantis.

Diante disso, a escuta representa um elemento essencial para a construção das práticas educativas nas instituições de Educação Infantil. Como afirma Rinaldi (2016), escutar vai muito além de ouvir, pois implica estabelecer uma conexão profunda com o outro. Significa estar presente com todos os seus sentidos, envolvendo-se afetiva e intelectualmente com as inúmeras formas de expressão das crianças. Nessa perspectiva, a escuta sensível possibilita compreender os diferentes modos pelos quais as crianças constroem sentidos e se relacionam com o mundo, permitindo reconhecer suas potencialidades e seu protagonismo nas constantes investigações que realizam para compreender a realidade que as cerca.

Na próxima seção, apresentaremos recortes de narrativas brincantes selecionadas dos registros produzidos no agrupamento etário denominado Maternal I B, com o objetivo de compreender como as crianças bem pequenas iniciam e partilham a experiência cultural da brincadeira de faz de conta na creche.

CRIANÇAS BEM PEQUENAS E O BRINCAR DE FAZ DE CONTA NA CRECHE

> *"Vê-se uma mudança do olhar adultocêntrico que constrói a infância de fora, do exterior, para um outro olhar situado no universo próprio das crianças."* (Borba; Lopes, s/d., p. 30)

O brincar é uma das principais linguagens das infâncias. Assim sendo, como pontua Borba (2006), representa o modo de ser e estar no mundo das crianças, revelando seus saberes e culturas das infâncias. É partindo de concepções que compreendem a criança como ator social competente, capaz de reinventar mundos por meio de sua capacidade criadora e imaginativa, que esta seção evidencia a criança como construtora de cultura, destacando a experiência do faz de conta como um espaço importante para expressão e escuta dos modos como as crianças se relacionam consigo, com outro e com o mundo. Nesse trilhar, descreveremos e analisaremos a seguir o episódio brincante "Vem, vou lhe levar na UPA!".

Episódio: "Vem, vou lhe levar na UPA!"
Crianças: Luísa; Theo; Ana; Carol; Mateus[4]

[4] Nomes fictícios para resguardar as identidades das crianças.

ISSN: 2358-8829

Idade das crianças: 2 e 3 anos

Espaço: Sala de referência do agrupamento etário denominado Maternal I B

Em uma manhã ensolarada do mês de julho do ano de 2022, em um Centro Municipal de Educação Infantil, entre 9h às 10h, as crianças do agrupamento etário denominado Maternal I B brincam com seus pares de idade na sala de referência, enquanto aguardam o momento do banho. Sua professora observa atentamente as experiências brincantes e faz registros fotográficos do momento.

"Vem, vou lhe levar na UPA!" Essa foi a frase dita por **Luísa** ao acolher seu amigo **Theo** que havia tropeçado e caído no chão da sala de referência. Diante desse contexto, a educadora de referência disponibilizou objetos e materiais (kits de brinquedos com maletas, injeções, estetoscópio etc.) para que as crianças pudessem brincar de médico.

Pouco a pouco a sala do Maternal I B ganha ares de UPA. **Ana** é a primeira médica do plantão, examina seus pacientes e aplica injeções para melhora no quadro de saúde. Logo depois, as crianças se revezam nos papéis. Entre um atendimento e outro, **Carol** e **Luísa** negociam para ver quem será a próxima paciente a entrar no consultório: "Minha vez!" ´ "E a minha!", seguem as meninas com gestos e narrativas que expressam seus desejos e opiniões.

Carol entra no consultório e assume o papel de médica, para potencializar as narrativas lúdicas, a educadora de referência convida as crianças a trazerem os bebês (bonecas) para consultas. Convite aceito, a sala de espera agora se transformou em uma ala de pediatria. Assumindo o papel de médica, a menina embarca no faz de conta na companhia de **Mateus.** O menino, que havia retornado do banho, pega uma boneca, coloca-a em seu colo e senta-se para aguardar atendimento.

Carol se dirige até o menino com uma injeção e a aproxima da boneca nos braços de **Mateus.** Com risadas, a menina diz: "Cocô!". Nesse momento, os dois começam a gargalhar e criar narrativas que dialogam com o contexto criado: "Eca, cocô!", levando a mão até o nariz para não sentir o odor. **Luísa**, que está ao lado, também embarca na brincadeira, imitando as ações iniciadas por **Carol e Mateus.**

Sorrisos, gargalhadas e interações potentes, baseadas no repertório sociocultural das crianças, marcam esse episódio de faz de conta.

A narrativa acima, evidencia a concepção de criança como ator social competente, sendo esta, construtora de culturas[5]. Em diálogo com os textos lidos, percebemos neste episódio de

[5] No Brasil, em 1944, o sociólogo Florestan Fernandes publicou um importante estudo que observava atentamente a constituição das culturas infantis em entrelace com seus contextos socioculturais a partir de um olhar atento e

ISSN: 2358-8829

modo singular, a constituição das culturas das infâncias por crianças na creche. Conforme pontua Corsaro (1997) *apud* Sarmento (2004), as crianças elaboram uma cultura própria que permite a reinterpretação do que vivenciam cotidianamente. Trata-se da cultura de pares, responsável por processos de apropriação, reinvenção e reinterpretação do mundo a partir das brincadeiras e interações tecidas com seus pares de idade.

Assim, como destacam Marchi e Evangelista (2023, p. 05) "[...] Os estudos passam a levar em conta a capacidade de ação das crianças.". Suas ações ficam evidentes em episódios brincantes. Nessa ótica, por meio da brincadeira, a criança ingressa em um universo lúdico que a direciona para assumir papéis, criar regras, imaginar-se experimentando e vivendo cenas e cenários da cultura adulta. Deste modo, de acordo com as referidas autoras "[...] enquanto interagem, as crianças aprendem tanto umas com as outras quanto com os adultos, (re)produzindo e reinterpretando as culturas nas quais participam e atuam." (p. 11). Portanto, a experiência cultural da brincadeira redireciona a criança para compreensões sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Assim, ao construírem suas culturas de pares, as crianças ampliam suas dimensões afetivas, cognitivas, expressivomotoras, linguísticas, sociais e culturais.

Nessa trilha de argumentações, estudiosos como Sarmento; Prount e Qvortrup explicitam que a experiência do brincar representa o modo de ser e estar no mundo das crianças. Sarmento (2004) afirma e defende que na encruzilhada da modernidade, as crianças tensionam a lógica capitalista de produção e seriedade ao passo que ecoam em seus corpos, gestos, movimentos e palavras que anunciam que brincar é coisa séria, transpondo e criando mundos a partir da brincadeira de faz de conta e tantas outras maneiras de brincarem e perpetuarem suas culturas, como fazem as crianças do episódio descrito acima.

Fica evidente o modo singular que as crianças têm de construírem sentidos e significados em suas experiências cotidianas. O acolhimento prestado por Luísa ao seu amigo Theo, que havia sofrido uma pequena queda, emergiu por meio de um convite a brincar. Convite este, que aproximou outras crianças e permitiu a criação de narrativas e contextos imaginários que perpassam um espaço social frequentado pelas famílias e crianças: uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA). Mais uma vez notamos o lugar central que a brincadeira ocupa nas culturas das infâncias e o potencial de observação, interpretação e reinterpretação dos seus contextos socioculturais a partir das ações das crianças.

---

sensível para as brincadeiras que emergiam da cultura popular. Seus escritos minuciosos revelam a potência dos processos criativos das crianças e anunciam um novo olhar para as infâncias, focalizado em suas brincadeiras e atuações sociais.

ISSN: 2358-8829

Nessa trilha de proposições, Borba e Lopes (s/d.), ao debruçarem os olhares para os estudos de Prout, anunciam àquilo que as crianças da narrativa acima descrita evidenciam por meio de suas infinitas linguagens: Elas são atores sociais competentes no tempo presente! Não representam uma promessa de futuro! Assim, nas palavras dos referidos autores, os estudos sociais da infância buscam "[...] desconstruir as ideias de criança passiva, incompleta, incompetente, colocando em relevo a criança agente, produtora de cultura, potente, participante ativa da produção do mundo adulto e da sociedade em que vive." (p. 31). Observar e refletir sobre as brincadeiras das crianças nos aproxima deste propósito.

Ao compreender a infância como categoria geracional construída socialmente e marcada profundamente por estruturas sociais, o sociólogo Qvortrup (2011) reposiciona nosso olhar para os contextos socioculturais partilhados pelas crianças e modos singulares de viver as infâncias. A fala "Vem, vou lhe levar na UPA!" situa para qual infância olhamos. Diz respeito a uma criança que faz uso do Sistema Único de Saúde, o SUS. Sendo este contexto vivido, sentido e reinterpretado pela experiência do brincar.

Diante das discussões tecidas, cabe ressaltar que as crianças configuram e reconfiguram seus modos de ser e estar no mundo, construindo suas culturas de pares, ou seja, os modos singulares que compartilham, criam e recriam sentidos e significados para as experiências partilhadas cotidianamente. Quando brincam e assumem papéis, como os retratados acima, elas não reproduzem meramente as ações dos adultos, mas imprimem autoria e criatividade por meio de ações lúdicas ao passo que selecionam o que faz sentido se apropriar e reinterpretar. As gargalhadas e narrativas que surgem, explicitam essas peculiaridades das culturas de pares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca por compreender como as crianças bem pequenas iniciam e partilham a experiência cultural da brincadeira de faz de conta na creche, debruçamos o olhar para um episódio brincante que evidenciou as contribuições da experiência cultural da brincadeira para que as crianças construam saberes sobre si, sobre o outro e sobre mundo, ampliando suas dimensões afetivas, cognitivas, expressivo-motoras, linguísticas, sociais e culturais.

Os dados evidenciam a concepção de criança como ator social competente e construtora de culturas. Nessa ótica, as crianças reinterpretam a cultura da qual participam por meio de suas interações e brincadeiras cotidianas, em suas aventuras de conhecer e interpretar o mundo. Criam e recriam sentidos e significados nas experiências partilhadas cotidianamente, por meio de suas múltiplas linguagens. Cabendo a nós, adultos, construirmos uma escuta atenta e sensível

às crianças, às suas infâncias e aos seus modos de ser e estar no mundo, potencializando, assim, suas vozes e produções culturais.

Por fim, as crianças são protagonistas nos contextos sociais que atuam, em sua categoria de atores sociais competentes, ecoam suas vozes e produzem culturas, expressas por meio de suas infinitas linguagens, que emergem em seus gestos, olhares, sorrisos, balbucios, movimentações corporais, palavras, entre outras formas de produzir interlocuções com o mundo. Cabe a nós, adultos, romper com visões adultocêntricas e buscar construir uma relação de horizontalidade com as infâncias, alicerçada na escuta atenta e sensível dos seus modos de ser e estar no mundo.

Palavras-chave: Brincadeiras e interações; Creche; Culturas infantis; Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

BORBA, Angela Meyer. "O brincar como um modo de ser e estar no mundo". In: MEC/SEF. **Ensino Fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão das crianças de seis anos de idade. Brasília, Ministério da Educação, 2006.

BORBA, Angela Meyer; LOPES, Jader Janer Moreira. Novas formas de compreender a infância. **Revista educação: c**ultura e sociologia da infância. Editora Segmento: São Paulo, 2013, s/d.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

DAHLBERG, Gunilla. Documentação pedagógica: uma prática para a negociação e a democracia. *In:* EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. (Orgs.). **As cem linguagens da criança:** a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016.

FERNANDES, Florestan. As trocinhas do Bom Retiro. *In* FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo.** 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.193-317.

MARCHI, Rita de Cássia; EVANGELISTA, Nislândia Santos. A Sociologia da Infância e o conceito de culturas infantis: Aspectos e implicações teóricas. Educação. **Santa Maria**, Santa Maria, v. 48, e68569, 2023.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. No tecido da documentação, memória, identidade e beleza. *In:* OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Registros na educação infantil:** pesquisa e prática pedagógica. Campinas SP: Papirus, 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. *In:* OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Educação infantil:** saberes e fazeres da formação de professores. 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

PINAZZA, Mônica A; FOCHI, Paulo S. Documentação pedagógica: observar, registrar e

(re)criar significados. **Revista Linhas**, v. 19, n. 40, p. 184-199, 2018.

QVORTRUP, James. Nove teses sobre a "infância como um fenômeno social". Tradução de Maria Letícia Nascimento. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 1 (64), p. 199-211, jan./abr. 2011.

RINALDI, Carlina. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. (Org.). **As cem linguagens da criança:** A experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016, 235-247.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. *In:* SARMENTO, Manuel Jacinto.; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos:** perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004. p. 1-15.